

Violência escolar, suportes familiar e social em adolescentes no município de Petrópolis-RJ: Estudo correlacional

School violence, family and social support in adolescents in the municipality of Petrópolis-RJ: Correlational study

Luciana Xavier Senra (orcid.org/0000-0002-5058-1574)¹

Maria Clara Peccin Amaral (orcid.org/0000-0001-6010-6075)²

Letícia Charles Rentes (orcid.org/0000-0001-7138-9525)³

Ingrid Bortolotti (orcid.org/0000-0003-3451-5830)⁴

Resumo

Estudos sobre violência vêm alertando que metade dos adolescentes no mundo têm sido vítimas em contexto escolar e virtual. O artigo visa apresentar dados de uma pesquisa que buscou analisar a violência escolar (VE) entre adolescentes e a correlação com variáveis sociodemográficas e suportes familiar (SF) e social (SS). Participaram (n=) 542 estudantes, entre os 12 e 17 anos de idade (MD=14,4; DP= 2,4 anos), entre o sexto ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio de escolas públicas do município de Petrópolis. Foi empregada estatística descritiva para caracterização amostral e atuação em VE. Para diferenças de média, Teste t e ANOVA. Os resultados evidenciaram que meninas são mais vitimizadas, embora sejam mais perpetradoras de violência psicológica e danos morais em comparação aos meninos. A associação de VE, SS e SF foi obtida por correlação de Pearson. Constatou-se 67,9% (368) da amostra vitimizada por VE; e correlação média entre VE e SF, sinalizando fragilidades no interesse mútuo, na consistência afetiva positiva, na demonstração de carinho e no discernimento de papéis familiares. Houve correlação fraca entre VE e SS ($r=-0,151$; $p<0,01$). O estudo indicou relação entre VE e religião, e diferenças de gênero significativas considerando a abrangência local, sugerindo informações importantes para ações junto ao fenômeno.

Palavras-chave: Violência escolar. Adolescentes. Estudo de correlação. Suportes familiar e social.

Abstract

Studies on violence have been warning that half of adolescents in the world have been victims in school and virtual contexts. The article aims to present data from research that sought to analyze school violence (SV) among adolescents and the correlation with sociodemographic variables and family (FS) and social support (SS). A total of 542 (n) students between 12 and 17 years of age (MD=14.4; SD=2.4 years) have participated in the study, between the sixth year of elementary level and third year of the high school in the city of Petrópolis' public schools. Descriptive statistics was used for sample characterization and performance in SV. For differences in mean, t-test and ANOVA were used. Results showed that girls are more victimized, although they also perpetrate psychological violence and moral damage than boys. The association of SV, SS and FS was obtained by Pearson's correlation. It was found that 67.9% (368) of the sample was victimized by SV; and that correlation between SV and FS is average, indicating weaknesses in mutual interest, in positive affective consistency, in demonstration of affection and in discernment of family roles. There was a weak correlation between SV and SS ($r=-0.151$; $p<0.01$). The study indicated a relationship between SV and religion, and significant gender differences considering the local scope, suggesting important information for actions concerning the phenomenon.

Keywords: School violence. Adolescents. Correlation study. Family and social support.

¹ Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: senra.lx@gmail.com

² Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: mcpa.peccin@gmail.com

³ Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: le.rentes@gmail.com

⁴ Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Petrópolis, RJ, Brasil. E-mail: aingridbortolotti@gmail.com

Violência escolar: Considerações teóricas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (Krug et al, 2002), discorre sobre a violência baseando-se no modelo teórico ecológico do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner (1996). Esse modelo possibilita o entendimento da complexa interação de fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais inerentes ao fenômeno. Por essa razão, é fundamental entender essas dimensões na abordagem da saúde física e mental, do desenvolvimento humano e das relações interpessoais das pessoas envolvidas em violência. O modelo traz indicadores individuais, relacionais, familiares, ambientais, comunitários e sociais que orientam a compreensão do fenômeno; a enumeração de fatores de risco e proteção frente às violências institucional, social, negligências, abusos físicos, sexuais, psicológicos e emocionais; e em ambiente virtual.

Ademais, o referido modelo considera o fenômeno sob perspectiva sistêmica. Isto é, por meio da interação complexa entre as pessoas, sobretudo marcada por desigualdade, assimetria e subordinação; processos afetivos, cognitivos e de aprendizado pautados em hostilidade e agressividade; contexto vulnerável e frágil; e o tempo em que ocorrem. Possibilita a mensuração científica e, principalmente, conceber a violência como “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Krug et al, 2002, p. 5).

A violência escolar (VE), entendida como violência interpessoal, abrange atos de violência (eventuais e/ou constantes) entre jovens e demais atores do ambiente educacional. As condutas violentas são intencionais e expressas nas formas psicológica, física e sexual (inclusive estupro). Ou seja, por meio de ameaças, coação de condutas, xingamento, chantagem, socos, uso de objetos para ferir, depreciação da imagem corporal, gestos libidinosos, coerção à nudez e à relação sexual não consentida. Envolve privação ou negligência relativas ao autocuidado, à mobilidade e ao acesso, por exemplo, às formas de defesa ou proteção; ataques físicos ou morais presenciais ou virtuais por indivíduos estranhos (ou não); danos institucionais, ambientais e ao patrimônio da escola, tais como pichações e quebra da infraestrutura (Krug et al, 2002; Habigzang, Lampert, De Antoni & Koller, 2011; Fernandes & Yunes, 2015).

De acordo com o referencial teórico ecológico (Habigzang, Lampert, De Antoni & Koller, 2011; Luciano, Marín & Yuli, 2008; Fernandes & Yunes, 2015), a VE consiste em padrão sociocognitivo, emocional e de condutas **intencionais** que expressam múltiplas formas de crenças, atitudes e condutas agressivas, cruéis e negligentes. Envolve alunos, professores e demais atores do ambiente escolar, implicando, portanto, dimensões individuais, familiares, institucionais, sociais e ambientais (Gebara, Lourenço & Senra, 2019; Lourenço & Senra, 2020).

Estas se articulam e potencializam ou moderam as referidas formas de manifestações no contexto das relações familiares, sociais e educacionais.

Abramovay e Rua (2002), Abramovay (2015) e as Pesquisas Nacionais da Saúde do estudante-PeNSE (2012, 2016) destacaram a necessidade de conceber a violência escolar de forma mais abrangente do que a perpetração de agressões entre pares (bullying). De acordo com estes autores, é importante conceber a VE abarcando: a fragilidade do suporte familiar e a violência deste ambiente; do suporte social da comunidade que repercute na vida escolar de crianças e adolescentes; os danos junto ao patrimônio da escola; e os atentados contra os professores e funcionários da escola. Estes últimos que, muitas vezes, suscitam o abandono da carreira docente.

Não obstante, o Fundo das Nações Unidas para a Infância ([UNICEF], 2018) divulgou dados alarmantes acerca da violência escolar. No documento, a faixa etária dos 13 aos 15 anos é a de maior prevalência de violência, dentro e/ou fora da escola, presencial ou virtualmente, envolvendo ou não outros atores do contexto escolar. Os dados endossam a urgência de ações frente ao fenômeno, tal como a de coletar dados mais sistematizados sobre a violência contra crianças e adolescentes dentro e no entorno das escolas.

O fenômeno da violência escolar é complexo e isso se estende à tentativa de mensurá-lo devido a medida abranger dimensões individuais e coletivas inerentes à violência, tais como suporte familiar e social, variáveis que a literatura sugere estarem relacionadas com o fenômeno (Lourenço & Senra, 2020; Oliveira & Senra, 2020; Habigzang, Lampert, De Antoni, & Koller, 2011; Koller & Antoni, 2004). Isto é, indicam que a fragilidade, a pouca consistência, a falta de praticidade e a ambiguidade dos suportes familiar e social experienciados pelos adolescentes, tendem a ser indicadores para a compreensão de como a violência entre esses sujeitos ocorre no ambiente escolar e fora dele, inclusive o virtual.

Essa complexidade justifica a importância de estudos para fornecer dados sistematizados e contemplar a multidimensionalidade do fenômeno (Gebara, Lourenço, & Senra, 2019), abrangendo as variáveis suporte familiar e suporte social, somadas à caracterização sociocultural e demográfica de adolescentes, visto que a VE é a principal causa de vitimização deste público em todo o mundo (Lourenço, Stroppa, & Senra, 2020; Wright & Wachs, 2020). Especificamente no Brasil, que é o segundo país com maior prevalência de violência contra adolescentes em idade escolar, esses estudos relativos à VE se mostram essenciais para subsidiarem estratégias de intervenção e de práticas educacionais que visem coibir o fenômeno (UNICEF, 2018). Nessa perspectiva, o presente estudo teve por objetivos conhecer a atuação e as formas de manifestação da violência escolar entre adolescentes, bem como estudar a correlação com variáveis sociodemográficas, com o suporte familiar e o suporte social no município de Petrópolis-RJ.

Método

A pesquisa é transversal, de caráter exploratório e natureza observacional com abordagem quantitativa, cujo objetivo geral consistiu em caracterizar a violência escolar que ocorre entre adolescentes de escolas públicas do município de Petrópolis-RJ; assim como estudar a correlação do fenômeno com suportes familiar e social, conforme a ocorrência de alguma forma de atuação (vítima, agressor, observador) em violência escolar. O estudo envolveu duas escolas da rede municipal e uma escola da rede estadual para a participação dos estudantes, de ambos os sexos e com faixa etária dos 12 aos 17 anos de idade, matriculados entre o sexto ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio. Além disso, contou com uma equipe de pesquisadores, sendo a autora coordenadora da pesquisa, dois alunos bolsistas de iniciação científica e cinco alunos voluntários, todos do curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis.

Participantes

Trata-se de uma amostra não probabilística de $n=542$ estudantes, com faixa etária dos 12 aos 17 anos de idade ($MD=14,4$; $DP= 2,4$ anos) da rede pública de educação do município de Petrópolis-RJ, obtida por saturação através da parceria com duas escolas municipais e com uma estadual. Desse total, 47% (255) se declararam do gênero feminino, 40% (217), disseram ser do gênero masculino e 13% (70) não responderam a essa questão. As demais variáveis sociodemográficas interessantes para a caracterização dos participantes foram: grupo étnico, ano de estudo dos estudantes e religião.

Instrumentos

O protocolo de instrumentos do estudo foi composto de Questionário para Caracterização Sociodemográfica baseado no Critério da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas-ABEP (2018) para conhecimento do perfil amostral; da Bateria de Escalas de Violência Escolar-BEVESCO (Senra, 2018) para identificação da participação em violência; do Inventário de Percepção e Suporte Familiar-IPSF (Baptista, 2008) visando conhecer o perfil de suporte familiar; e da Escala de Percepção do Suporte Social-EPSS (Siqueira, 2008) para conhecimento dos tipos de suporte social dos quais dispõem os participantes.

A BEVESCO consiste em uma bateria com três subescalas que investigam as formas de atuação em violência escolar (vítima, agressor/perpetrador e observador) e os tipos de violência manifestos nestas atuações, tais como: violência física, sexual, verbal, moral, psicológica, patrimonial; coerção e cyber-agressões. A versão vítima possui 22 itens em dois fatores, sendo $\alpha=0,88$ para o fator 1 - ultraje psicológico e danos morais e $\alpha=0,84$ para o fator 2 - injúrias, ameaça e violação física e sexual; e variância total explicada de 44,9%. A versão observador possui 17 itens em dois fatores, sendo $\alpha=0,826$ para o fator 1 - coação e danos patrimoniais institucionais e pessoais, e $\alpha=0,741$ para o fator 2 - cyber agressões, com variância total explicada de 39,6%. A BEVESCO Perpetrador contém 19 itens em um único fator - violação física, sexual e psicológica e danos patrimoniais e pessoais, e o coeficiente de

confiabilidade dado por $\alpha=0,85$. Todos os itens são distribuídos em Escala tipo Likert de 04 pontos (nunca, poucas vezes, muitas vezes, sempre).

A apuração das subescalas da BEVESCO (BEVESCO Vítima, BEVESCO Perpetrador e BEVESCO Observador), ocorre por escore bruto, ou seja, pelo somatório das respostas. A identificação da vitimização é obtida por meio das respostas consideradas em intervalos entre 0 e 1 pontos para risco de vitimização; entre 2 e 4 vitimização ocasional, e maior que 5 pontos a vitimização persistente. Na BEVESCO perpetrador, são considerados perpetradores ocasionais os respondentes que alcançam até 2 pontos e perpetradores persistentes os que somam três ou mais pontos. Na BEVESCO observadores, aqueles que somam entre 1 e 4 pontos são observadores ocasionais; e, acima de 4 pontos, são observadores persistentes.

O IPSF rastreia os tipos de vínculos existentes na família e como um sujeito os percebe e os emprega no cotidiano, possui 42 itens em escala Likert de 03 pontos (nunca ou quase nunca, às vezes, e quase sempre ou sempre), mensurando consistência afetiva, autonomia e adaptação familiar. Os fatores analisados são: (1) afetivo-consistente, com 21 itens e $\alpha=0,91$; (2) adaptação familiar, com 13 itens e $\alpha=0,90$, e (3) autonomia familiar, com 8 itens e $\alpha=0,78$. Sendo o somatório total do inventário com $\alpha=0,93$ e a variância total explicada de 41,4%. A apuração ocorre por pontuação, sendo 2 para respostas “sempre”; 1 para “às vezes” e 0 para “nunca”, as quais variam de 0 a 84.

A EPSS rastreia as modalidades de suporte social percebidos e adotados pelos jovens estudantes e contém 29 itens em escala Likert de 04 pontos (nunca, poucas vezes, muitas vezes, sempre). Os dois fatores possuem 47,3% da variância total. O primeiro com 19 itens referentes ao suporte prático ($\alpha= 0,91$), enquanto o fator 2 abrange 10 itens de suporte emocional ($\alpha=0,92$), ambos mensuram estratégias de cuidado e resolução de problemas; e cuidado e segurança afetiva. Os escores são obtidos por meio da soma das respostas específicas para cada modalidade de suporte.

Além dos instrumentos para abordagem dos participantes, foi elaborado um roteiro de observação de campo para uso dos alunos bolsistas e voluntários da pesquisa durante a coleta de dados. A finalidade desse roteiro foi a de apurar e registrar informações inerentes e fundamentais ao contexto da pesquisa, mas que não seriam registradas pelos instrumentos adotados. Entre essas informações destacam-se: compreensão dos construtos e dos instrumentos, falas explicitadas pelos estudantes no momento do preenchimento dos instrumentos e as dificuldades dos pesquisadores em viabilizar a coleta de dados.

Coleta e análise de dados

O protocolo com os instrumentos foi distribuído ao público-alvo da pesquisa em horário letivo nas salas de aula, os quais receberam as devidas instruções para resposta, permitindo que os dados fossem coletados com duração aproximada de 30 a 40 minutos. A análise dos dados foi realizada por meio de estatísticas descritivas e inferenciais com uso do software SPSS versão 23 e do software Excel do pacote Office do Windows versão 10, licença

para professor. Foi empregada estatística descritiva para caracterização do perfil amostral e apuração da atuação em violência. Para a interpretação inferencial dos dados, foram empregados testes para diferenças de média com variáveis sociodemográficas (Teste t e ANOVA) e a correlação de Person para o estudo da associação destas variáveis às de suporte social e suporte familiar quando há ocorrência de violência escolar entre os estudantes.

Acerca do estudo de correlação, nota-se, de acordo como Rueda e Zanon (2016), que os coeficientes de correlação tendem ser classificados conforme três posturas teóricas diferentes, dentre elas a de Cohen (1988), mais aceita na literatura internacional e adotada para a classificação das correlações do presente estudo. No presente estudo será grande a correlação expressa entre 0,50 e 1,0, média entre 0,30 e 0,49; pequena, de 0,10 a 0,29; nula entre -0,09 a 0,09; pequena, de -0,29 a -0,10; média, de -0,49 a -0,30 e grande, de -1,00 a -0,50.

É importante destacar que aliado ao protocolo de instrumentos de coleta de dados foi empregada a estratégia do registro de diário de campo por parte dos alunos de iniciação científica (Roese; Gerhardt; Souza; & Lopes, 2006). O registro consistiu na observação não participante, porém sistemática, do contexto da coleta de dados, considerando: características de infraestrutura, da gestão, das regras estabelecidas e das relações entre os diversos atores do contexto das escolas; tempo de resposta, variáveis do ambiente durante a resposta dos adolescentes participantes do estudo, tipo de condutas e/ou expressões verbais emitidas por eles; assim como quaisquer elementos salientes ao momento da coleta e que pudessem interferir no processo.

Cuidados éticos

A pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Universidade Católica de Petrópolis-UCP, CAAE 91157118.0.0000.5281, sob parecer nº 3.403.585, em conformidade com as diretrizes de cuidados éticos da Resolução 466 de 2012. Os estudantes receberam o termo de assentimento para participação na pesquisa, o qual explicitava o objetivo do estudo, a ausência de riscos, a garantia de sigilo e privacidade das respostas ao protocolo, assim como o assegurado direito de interromper a participação tão logo desejassem sem quaisquer ônus. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha as mesmas explicações sobre a pesquisa e o comitê de ética, foi assinado pelos gestores das escolas parceiras do estudo conforme suas próprias sugestões, pautadas nas diretrizes da educação básica, tendo em vista que, em horário letivo, os estudantes estão sob suas responsabilidades.

Resultados

Os dados gerais apurados pelo estudo, cuja finalidade foi conhecer as formas de violência entre adolescentes, bem como as modalidades de participação deles neste fenômeno em correlação com estilos de suportes social e familiar, podem ser compreendidos na

explicação das seções dedicadas à caracterização amostral e aos estudos de diferenças de média e de correlação das variáveis que, segundo a literatura sobre violência escolar, tendem a estar associadas à ocorrência de vitimização, perpetração e observação deste fenômeno entre adolescentes (IPSOS, 2018; Senra, Lourenço & Baptista, 2015). O perfil dos respondentes (n=542) do estudo, com faixa etária dos 12 aos 17 anos de idade (MD=14,4; DP= 2,4 anos), sendo 39,9% (216) do sexo masculino, 46,9% (254) do sexo feminino e 13,3% (72) que não responderam, pode ser mais bem observado na tabela 1.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico dos participantes n=542

Idade em anos	N	%
12	114	21,0
13	79	14,6
14	69	12,7
15	86	15,9
16	93	17,2
17	80	14,8
Não responderam	21	3,9
Grupo étnico	N	%
Negro	146	26,9
Branco	158	29,2
Pardo	166	30,6
Outros	35	6,5
Não responderam	37	6,8
Religião	N	%
Não tem	101	18,6
Católico	161	29,7
Evangélico	233	43,0
Outras (espírita, afro-brasileira, judaica, budismo etc.)	21	3,9
Não responderam	26	4,8
Ano de estudo	N	%
1º EM	102	18,8
2º EM	17	3,1
3º EM	60	11,1
6º EF	120	22,1
7º EF	103	19,0
8º EF	79	14,6
9º EF	55	10,1
Não responderam	6	1,1

*EM corresponde à Ensino Médio

*EF corresponde à Ensino Fundamental

Tendo em conta pesquisas com metodologia e procedimentos semelhantes ao presente estudo, tal como a Pesquisa Nacional de Saúde do Estudante-PeNSE (2016), nota-se compatibilidade do perfil regional com o perfil dos estudantes de escola pública que participaram do estudo nacional, inclusive considerando a média de idade, isto é, 14,4 anos, daqueles envolvidos com algum tipo de participação na violência que ocorre em contexto escolar.

O tipo de participação na violência escolar foi obtido por escore bruto, ou seja, o somatório das respostas (em formato Likert de quatro pontos) a estas subescalas, de modo que foi possível constatar a distribuição dos participantes do estudo conforme a atuação em VE de forma ocasional e persistente, tal como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2. Atuação em violência escolar (n=542).

BEVESCO Vítima	F	%
Não vitimização	137	25,3
Risco de vitimização	41	7,6
Vitimização ocasional	97	17,9
Vitimização persistente	230	42,4
Não responderam	37	6,8
BEVESCO Perpetrador	F	%
Não perpetrador	238	43,9
Perpetrador ocasional	122	22,5
Perpetrador persistente	181	33,4
Não respondeu	1	0,2
BEVESCO Observador	F	%
Não observador	154	28,4
Observador ocasional	305	56,3
Observador persistente	83	15,3

É importante notar que o n apurado para cada forma de atuação é calculado isoladamente junto aos 542 participantes, o que significa dizer que podem existir estudantes que são, simultaneamente, vítimas e observadores e/ou perpetradores, que também sofrem ou observam algum tipo de violência, justamente pelas tipologias de violência listadas nos itens da BEVESCO. Essas tipologias envolvem violência física, sexual, verbal, moral, psicológica, patrimonial, coerção e cyber-agressões.

Após o conhecimento das formas de atuação em violência escolar, é válido notar as diferenças de atuação em VE, assim como do perfil dos suportes familiar e social e da relação ao gênero. Para estes entendimentos relativos ao gênero, foi empregado o Teste t de Student (tabela 3), que visa compreender as diferenças de médias significativas entre dois grupos na amostra do estudo (n=542).

Tabela 3. Diferenças de médias significativas de respostas da BEVESCO, IPSF e EPSS em relação ao gênero*

Instrumento	Gênero	M	t	p
BEVESCO - Vítima fator 1	Masculino	4,82	5,266	,000
	Feminino	5,72		
BEVESCO - Vítima fator 2	Masculino	,24	,373	,000
	Feminino	,51		
BEVESCO - Perpetrador	Masculino	2,20	2,460	,000
	Feminino	2,72		
BEVESCO - Observador fator 1	Masculino	5,01	5,412	,000
	Feminino	5,81		
BEVESCO - Observador fator 2	Masculino	1,38	1,597	,000
	Feminino	1,81		
IPSF - Afetivo consistente	Masculino	22,51	23,396	,000
	Feminino	24,29		
IPSF - Adaptação familiar	Masculino	18,01	18,529	,000
	Feminino	19,05		
IPSF - Autonomia familiar	Masculino	9,04	9,356	,000
	Feminino	9,67		
EPSS - Fator 1 - Prático	Masculino	33,06	34,064	,000
	Feminino	35,07		
EPSS - Fator 2 - Emocional	Masculino	17,99	18,665	,000
	Feminino	19,35		

* A BEVESCO vítima possui 22 itens em dois fatores, sendo $\alpha=0,88$ para o fator 1 - *ultraje psicológico e danos morais* e $\alpha=0,84$ para o fator - 2 *injúria, ameaça e violação física e sexual*; e variância total explicada de 44,9%. A BEVESCO observador possui 17 itens em dois fatores, sendo $\alpha=0,826$ para o fator - 1 *coação e danos patrimoniais institucionais e pessoais*, e $\alpha=0,741$ para o fator - 2 *cyber agressões*.

Em relação às diferenças de média de repostas sobre atuação em VE e perfis de suportes familiar e social referentes às variáveis idade, ano de estudo, grupo étnico e religião, foi empregada a análise paramétrica ANOVA (tabela 4), que visa identificar as diferenças de médias significativas entre vários grupos na amostra do estudo (n=542).

Tabela 4 - Análise de variância para as medidas BEVESCO, IPSF e EPSS com outras variáveis.

Instrumento	Fatores	Variáveis							
		Idade		Ano de estudo		Grupo étnico		Religião	
		F	p	F	p	F	p	F	p
BEVESCO	Vítima Fator 1	2,891	,014	1,450	,194	,938	,441	3,895*	,002
	Vítima Fator 2	1,136	,340	1,242	,283	,538	,708	,697	,626
	Observador - Fator 1	,405	,845	,353	,908	,558	,693	1,048	,389
	Observador - Fator 2	1,314	,257	,605	,727	,994	,410	,576	,718
	Perpetrador	1,932	,087	1,613	,141	1,019	,397	1,518	,182
IPSF	Fator 1 - Afetivo Consistente	7,400*	,000	8,594*	,000	,209	,934	2,841**	,016
	Fator 2 - Adaptação Familiar	3,487*	,004	3,497*	,002	1,234	,296	3,900*	,002
	Fator 3 - Autonomia Familiar	5,290*	,000	1,899	,079	1,135	,339	1,822	,107
EPSS	Fator 1 - Prático	4,319*	,001	3,457*	,002	,978	,419	3,203*	,007
	Fator 2 - Emocional	3,983*	,002	3,864*	,001	,874	,479	1,234	,292

* $p \leq 0,01$; ** $p \leq 0,05$

Para a Anova, foi realizada análise Post-Hoc de Tukey, cuja finalidade é verificar as diferenças das médias de respostas, assim como os agrupamentos em cada variável por eles medidas. As demais análises realizadas no presente estudo foram as de correlação (Pearson). Era esperado que entre a BEVESCO e o IPSF e a EPSS as correlações fossem negativas. Essas observações podem ser constatadas na Tabela 5, assim como as correlações apuradas nesse estudo são médias e pequenas segundo Rueda e Zanon (2016).

Tabela 5. Coeficientes de correlação BEVESCO, IPSF e EPSS.

Instrumentos/Fatores	BEVESCO Vítima		BEVESCO Observador		BEVESCO Perpetrador
	fator 1	fator 2	fator 1	fator 2	
IPSF consistência afetiva	-,140**				
IPSF Autonomia	-,266**				
IPSF Adaptação	-,342**	-,193**	-,229**	-,215**	-,186**
EPSS Emocional	-,193**	-,151**			

**Correlação significativa $p < 0,01$

Discussões

Em relação ao perfil amostral do estudo, é interessante citar a congruência com as pesquisas sobre o tema, PeNSE (2016) e por Senra (2018), desenvolvidas em âmbito nacional. Isto é, constatou-se na amostra dos 542 estudantes proporcionalidade de distribuição por gênero, 46,9% feminino e 39,9% masculino; que 30,6% se autodeclararam pardos; a maioria está na faixa etária dos 12 aos 15 anos de idade (63,2%). Em relação à religião, diferente das referidas pesquisas, verificou-se que 43% se autodeclararam evangélicos, 13,3% a mais em relação àqueles que se autoconsideraram católicos e/ou de outros ritos, tais como espírita, religiões de matriz africana e oriental. No que tange ao ano de estudo, 41,1% estão entre sexto e sétimo anos, predominância semelhante às pesquisas de referência supracitadas sobre o tema (tabela 1).

Tendo conhecido o perfil da amostra, é importante destacar a distribuição conforme as respostas aos instrumentos utilizados no estudo. De modo geral, independentemente do tipo de participação nas situações de violência, mais de 55% da amostra (n=542) estão envolvidos em alguma destas formas (vitimização, perpetração ou observação) de violência escolar (tabela 2). Quanto às tipologias mais frequentes de acordo com o instrumento utilizado (BEVESCO), destacam-se violência psicológica e física, danos morais e assédio sexual. Essas constatações são congruentes com os estudos do PeNSE (2016), de Senra (2018) e da UNICEF (2018), os quais investigaram o fenômeno da violência escolar entre adolescentes considerando variáveis sociodemográficas (gênero, grupo étnico, faixa etária e ano que estejam cursando, dentre outras) e aquelas que tendem a ser fatores preditores para situações de conflitos que culminam na violência, como, por exemplo, fragilidades do contexto social e familiar. O presente estudo assemelha-se às informações da UNICEF (2018), de que os adolescentes “em contexto escolar são os que mais sofrem, direta e indiretamente, alguma situação de violência em todo o mundo”.

Ademais, a forma de atuação em VE e as respectivas tipologias manifestas desta violência são consonantes com os indicadores sinalizados pelo modelo bioecológico para compreensão do fenômeno (OMS, 2002). Vale ressaltar que o modelo abrange dimensões de análise micro e macrosociais marcadas por violência e todos aqueles que vivenciam e/ou compartilham algum tipo de vivência e experiência decorrente desse contexto.

Em referência às diferenças de gênero observadas quanto à participação em VE (BEVESCO), o teste t (tabela 3) permitiu notar que as meninas são mais vitimizadas ($t=5,26$; $p<0,001$), mas também são mais perpetradoras de violência psicológica e danos morais ($t=2,46$; $p<0,001$) e mais observadoras do que os meninos destas tipologias de violência ($t=5,41$; $p<0,001$), bem como das cyber agressões ($t=1,59$; $p<0,001$). Esses resultados são congruentes com as pesquisas da UNICEF (2018), Senra (2018) e PeNSE (2016), as quais explicitam que, enquanto os meninos estão envolvidos com violência física, as meninas com participação em VE relatam mais sofrimento por violência psicológica, danos morais, assédio sexual e cyber agressões. Além disso, a consonância dos resultados do presente estudo com os de pesquisas com amostragem ampla, em níveis internacional e nacional, sugerem a

necessidade de delinear políticas públicas educacionais que abarquem estratégias de enfrentamento do fenômeno também a níveis regionais e locais.

É importante sinalizar que as tipologias de violência citadas e identificadas como as que mais ocorrem entre os adolescentes do gênero feminino, sugerem a necessidade de se ressignificarem os indicadores micro e macrosociais inerentes ao fenômeno da violência. Isso tende a se justificar pelo indicador das cyber agressões, pois devido à intervenção das social networks da rede mundial de computadores, cada vez mais acessada e com maior poder de abrangência populacional, há a urgência de se repensar, definir e descrever os ambientes micro e macrosociais e atualizar o modelo bioecológico do fenômeno da violência para um entendimento contemporâneo de todas as problemáticas inerentes às questões de gênero que se explicitam também em ambiente de interação virtual (Wright & Wachs, 2020; UNICEF, 2018; Barreto, 2016).

A respeito das diferenças de gênero acerca do suporte familiar, os meninos vivenciam suporte familiar mais frágil do que as meninas no fator do IPSF que investiga consistência afetiva ($t=23,39$; $p<0,001$). Ou seja, para os meninos, as relações familiares carecem de expressão afetiva para cuidados e segurança emocional, comparando-se às relações familiares das meninas. No fator do IPSF que investiga adaptação familiar, isto é, expressão de sentimentos, agressividade e conflitos, notou-se que os meninos tendem a estar mais envolvidos que as meninas ($t=18,52$; $p<0,001$). Acerca da autonomia familiar, observou-se que as meninas experienciam menos dessa autonomia do que os meninos ($t=9,36$; $p<0,001$), isto é, experienciam pouca ou nenhuma vivência de privacidade, confiabilidade e liberdade entre os membros da família.

Essas características relativas ao contexto familiar são convergentes com o Relatório Mundial de Violência e Saúde da OMS (2002) e de estudos tais como os de Koller e Antoni (2004), Martins e Szymanski (2004) e de Senra e Lourenço (2015), visto que tais estudos indicam maior probabilidade do envolvimento de adolescentes do gênero masculino em situações de violência, principalmente na escola, quando experienciam fragilidade de vínculos familiares e pouca ou nenhuma clareza dos papéis familiares, bem como a reprodução do ambiente conflituoso vivenciado na família junto aos pares escolares.

Além desses apontamentos acerca do perfil familiar dos adolescentes do presente estudo, é interessante notar outros indicadores referentes aos estudos sobre gênero (Jesus & Galinkin, 2015; Lourenço & Senra, 2020). Isto é, os dados sugerem relações familiares deficitárias de expressão afetiva para cuidados e segurança emocional mais em relação aos meninos quando comparados às meninas. Apontam ainda possíveis reflexos de uma cultura educacional familiar pautada em concepção patriarcal e dicotômica no que concerne aos papéis de gênero, atribuindo expressões e vivências emocionais ao feminino, ao passo que agressividade, pragmatismo, liberdade e privacidade são atributos típicos, inerentes e necessários ao masculino.

O suporte social também foi investigado em relação ao gênero na amostra ($n=542$) no presente estudo (tabela 3). Foi possível constatar que os meninos explicitam mais consistência no suporte social prático em comparação às meninas ($t=34,06$; $p<0,001$). Isso significa que os meninos acreditam mais na rede de apoio social para sentirem-se seguros e com tranquilidade diante da necessidade de suprir alguma demanda prática. Contudo, a consistência de suporte social emocional é melhor para as meninas do que para os meninos ($t=18,66$; $p<0,001$), ou seja, as meninas possuem percepção mais clara das expressões de carinho, cuidado e preocupação explicitados por parte das pessoas com as quais estabelecem ou possuem vínculo. Novamente vale notar a interferência de uma concepção patriarcal e dicotômica no que concerne aos papéis de gênero para além do ambiente familiar e que, conseqüentemente, interferem na qualidade das relações e interações sociais, principalmente dos adolescentes. E isso pode, possivelmente, ser fator de risco para a ocorrência de conflitos e violência na escola (Hermínio & Adam, 2017; Pereira & Senra, 2020; Valdério, 2018).

A análise de variância para as medidas BEVESCO, IPSF e EPSS (tabela 4), foi realizada com as variáveis idade, ano de estudo, grupo étnico e religião, e visou identificar se, na amostra em estudo, havia alguma indicação de associação da VE às fragilidades de suportes familiar e social. Nota-se que a diferença estatisticamente significativa foi indicada pelo teste de Tukey.

Os dados da tabela 4 mostram que a fragilidade afetiva ($F=7,400$; $p<0,000$), a falta de clareza dos papéis e a ineficácia de resolução de conflitos familiares; bem como as inconsistências para suprir necessidades práticas e afetivas nas interações sociais ($F=4,319$; $p<0,001$), são predominantes para os adolescentes entre os 12 e os 15 anos de idade, cursando entre o sexto ano do ensino fundamental e o primeiro ano do ensino médio. Referente à idade e ao ano de estudo, os resultados concordam com as pesquisas do PeNSE (2016), de Senra e Pereira (2020) e da UNICEF (2018), mas trazem indicadores novos conforme a religião dos estudantes com religião diferente da evangélica, sugerindo a necessidade de aprofundar o conhecimento da possibilidade de conflitos escolares começarem a ocorrer devido à religiosidade dos estudantes.

A partir de correlações de Pearson (tabela 5), os indicadores esperados eram de correlação negativa entre BEVESCO e suportes familiar (IPSF) e social (EPSS). Em outros termos, para baixos escores nas subescalas da BEVESCO, melhores escores de expressão dos suportes familiar e social, demonstrados por análises inversamente proporcionais entre ocorrência de violência escolar, os tipos de suporte. As hipóteses entre violência escolar e suporte familiar foram estudadas pela correlação de Pearson por meio dos instrumentos BEVESCO (versões vítima, perpetrador e observador). Para a versão vítima da BEVESCO, tanto para o fator 1 quanto para o fator 2, eram esperadas correlações negativas com todos os fatores do IPSF (consistência afetiva, autonomia e adaptação). Porém, somente foi verificada correlação negativa e estatisticamente significativa ($r=-0,140$) no fator 1 (violência psicológica e danos morais) da BEVESCO Vítima, porém considerada pequena (Cohen, 1988). Referente ao fator 2

da BEVESCO Vítima (assédio sexual, ameaça e violência física) e às demais subescalas (Observador e Perpetrador) com o IPSF para consistência afetiva, não foram obtidas correlações estatisticamente significativas.

A hipótese de correlação entre BEVESCO e suporte familiar (IPSF) autonomia cogitada para o estudo foi negativa para todas as subescalas. Contudo, apenas entre o fator 1 da versão Vítima (violência psicológica e danos morais) foi verificada correlação negativa, estatisticamente significativa ($r=-0,266$) e de magnitude moderada/média. Com o fator autonomia do IPSF, todas as subescalas da BEVESCO evidenciaram correlação negativa estatisticamente significativa: (a) BEVESCO Vítima fator 1 (violência psicológica e danos morais), $r=-0,324$ e magnitude média; e BEVESCO Vítima fator 2 (assédio sexual, ameaça e violência física), $r=-0,193$, com magnitude pequena; (b) BEVESCO Observador fator 1 (danos patrimoniais institucionais e pessoais e coação), $r=-0,229$ e fator 2 (cyber-agressões), $r=-0,215$, ambas com magnitudes pequenas/fracas; e (c) BEVESCO Perpetrador, com $r=-0,189$ e magnitude pequena/fraca.

Os indicadores da correlação de Person, embora considerados de médio/moderado à pequeno/fraco sugerem, quanto ao suporte familiar de modo geral, que as vítimas de violência escolar possuem pouca consistência afetiva positiva, pouco interesse mútuo, demonstração de carinho e discernimento de papéis entre os membros no contexto da família. Há denotação de fragilidade na percepção das vítimas de VE em relação aos membros da família quanto à confiabilidade e liberdade; assim como há a presença de agressividade e dificuldade de resolução de conflitos entre eles. Gebara, Senra e Lourenço (2019), Senra (2018) e Zambelli (2019), também indicam alguma associação entre conflitos e violência do ambiente familiar e social de crianças e adolescentes com aqueles que ocorrem na escola.

A hipótese de correlação entre BEVESCO e suporte social (EPSS) esperada para o estudo também foi negativa para todas as subescalas e fatores de suporte social. Porém, apenas entre fator 1 - violência psicológica e danos morais ($r=-0,193$) e fator 2 - assédio sexual, ameaça e violência física ($r=-0,151$) da BEVESCO Vítima e suporte social emocional da EPSS foi apurada correlação estatisticamente significativa negativa e com magnitude pequena/fraca.

Por fim, em relação aos indicadores mencionados para as correlações entre VE e SS emocional, mesmo que identificados apenas para as situações de vitimização, é possível afirmar que há congruência com outras pesquisas envolvendo essas temáticas. Essas pesquisas apontam que quanto mais comprometido ou vulnerável o suporte social de crianças e adolescentes, seja na dimensão pragmática, seja na dimensão social, maior a probabilidade de envolvimento em alguma forma de atuação em violência escolar. Embora não explicitem se crianças e adolescentes se envolveriam necessariamente em vitimização, levam a inferir que independente de atuação passiva (vítima ou observador) ou ativa (perpetradores e provocativos reativos às vitimizações), a fragilidade destes suportes é obrigatoriamente identificada (Borges & Pacheco, 2018; Moreira, 2018; Oliveira & Senra, 2020).

Outro aspecto relevante a destacar sobre o estudo consiste no registro do diário de campo por parte dos estudantes de iniciação científica participantes da coleta de dados da pesquisa. Por meio desse registro de características de infraestrutura da gestão, das regras estabelecidas e das relações entre os diversos atores do contexto das escolas, observou-se, por exemplo: (A) percepção hostil, negativa e estigmatizada sobre o ambiente direcionado ao contexto de ensino-aprendizagem por parte de estudantes e professores, revelada em falas como “a escola tem mais cara de prisão que escola, é escura e é cheia de grades”, ou “se veio estudar aqui, é porque não tem mais jeito, já foi expulso de todas”; (B) ausência de negociação sobre o que pode e o que não pode ser feito na escola ou relativo ao que seja atribuído aos professores ou funcionários, com clara postura de autoritarismo e/ou de permissividade por parte da gestão institucional ou da sala de aula; (C) normalização de violência psicológica, física e moral, as quais foram observadas durante a resposta ao instrumento para apuração de violência escolar, quando os alunos afirmavam que não iriam assinalar o item por não se tratar de violência, mas sim de brincadeiras comuns entre eles.

Especificamente em referência ao ponto C supracitado, também se registrou número significativo de alunos entre os 14 e 16 anos (de todas as salas visitadas para coleta de dados na escola estadual), que demandavam à equipe de pesquisadores relatos de algum tipo de violência sofrida na escola e/ou de não poderem responder com veracidade em razão de serem ameaçados por outros alunos. No registro dessas demandas, constataram-se também alunos que só possuem como fonte de alimentação aquela que é servida na escola; alunos com ideação e tentativa de suicídio dentro e fora da escola; com histórico de uso de drogas e/ou que residem com avós ou outros parentes em razão dos pais estarem presos. Os conteúdos dos registros do diário de campo, em parte, não foram corroborados por aquilo que foi apurado com os instrumentos. Porém, permanecem convergentes com a literatura científica sobre o tema no que tange à relação existente entre fragilidade e vulnerabilidade de suportes familiar e social com a ocorrência de violência escolar.

É válido ressaltar que o registro de diário de campo é uma importante ferramenta de pesquisa (Roese; Gerhardt; Souza; & Lopes, 2006) que, embora pouco acessada no contexto das pesquisas quantitativas, tende a enriquecer qualitativamente um determinado estudo não somente por aproximar o pesquisador com o contexto e variável em investigação, como também por possibilitar análises criteriosas e críticas decorrentes de observações fundamentais à identificação de vantagens e limitações do método adotado.

Considerações finais

O estudo sobre a violência escolar entre adolescentes no município de Petrópolis é pioneiro com a apresentação dos dados ora explicitados. Porém, não se pretende ser inovador. É indubitável que se trata de uma perspectiva inicial a respeito de como a violência no contexto escolar ocorre em uma amostra das escolas públicas do município. Entretanto, é fundamental que ele seja compreendido como de abrangência pequena, local, referente a três escolas

municipais e estaduais de diferentes regiões da cidade. Isto significa que a amostra abordada não é representativa considerando o censo escolar do município que sugeria, para o ano de 2018, anterior ao período da coleta de dados (março a abril de 2019), uma população de estudantes da faixa etária contemplada na pesquisa em torno de 11.580 alunos.

Nota-se que os dados apresentados precisam ser compreendidos também como preliminares do ponto de vista estatístico. É preciso que sejam empregadas ainda técnicas estatísticas mais robustas para apuração da validade e precisão do instrumento utilizado para mensurar violência escolar, tais como análise fatorial confirmatória e estudo de regressão. Isso se deve, principalmente, ao estudo de correlação apresentado, posto que se mostra pouco consistente para afirmações de relação genuína entre os construtos analisados na temática proposta.

É válido ressaltar, embora contenha limitações metodológicas para instrumentos e análise de dados que, ainda assim, o estudo traz importantes apontamentos para compreensão da violência que ocorre em ambiente escolar, especialmente quanto à atuação de adolescentes (vítimas, observadores ou perpetradores); as principais formas de manifestação do fenômeno (psicológica, moral, física, virtual, etc.) e como elas se associam às características sociodemográficas e aos suportes familiar (frágil ou pouco autônomo) e social (pouco prático), conforme pretendia o estudo ora relatado. Esses dados tendem a contribuir para o desenho de estratégias de prevenção e até intervenção frente à violência escolar no âmbito da pesquisa realizada.

Tais apontamentos referem-se, por exemplo, às diferenças relativas ao gênero e à variável religião. Ambos os temas estão bastante presentes na imprensa e nas redes sociais nos últimos anos e vêm sendo pauta de discussões de movimentos sociais e de pesquisas em diferentes áreas de conhecimento no contexto acadêmico e científico, características estas inerentes aos contextos macrossociais e significativamente impactantes no desenvolvimento biopsicossocial das pessoas, inclusive em situações de conflitos nas interações sociais que podem e vêm culminando em condutas agressivas e violentas nesses contextos, sobretudo na escola.

Por fim, sobre a violência escolar entre adolescentes no município de Petrópolis, de modo geral, também se mostrou um fenômeno complexo e que revela características de manifestação similares às de outros municípios e estados com características semelhantes (instituições escolares e perfis familiares e sociais). Evidencia a interveniência de dispositivos para acesso à internet e da própria internet para as situações de violência, indicando a necessidade de revisão da abrangência e das características que, cada vez mais, apontam a combinação de múltiplos fatores para a ocorrência do fenômeno. Tendo isso em vista, sugere-se a continuidade de estudos para compreensão desta ocorrência e para intervenções cujo escopo seja a modificação de cenários que incitam e potencializam as situações de violência, especialmente entre adolescentes na escola.

Referências

- Abramovay, M., & Rua, M. das G. (2002). *Violências nas escolas* (2a ed). UNESCO.
- Baptista, M. N. (2009). *Inventário de Percepção e Suporte Familiar – Manual técnico*. Vetor.
- Borges, L., & Pacheco, J. T. B. (2018). Sintomas depressivos, autorregulação emocional e suporte familiar: um estudo com crianças e adolescentes. *Estudos Interdisciplinares de Psicologia*, 9(3, supl.1), 132-148.
- Coelho, C. C. de A., & Dell’Aglia, D. D. (2018). Engajamento escolar: Efeito do suporte dos pais, professores e pares na adolescência. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(3), 621-629.
- De Antoni C., & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381. Doi: 10.1590/S1413-294X2000000200004
- Fernandes, G., & Yunes, A. M. (2015). *O bullying no ambiente escolar: uma realidade a ser enfrentada*. [Apresentação de trabalho]. XI Semana Científica Unilasalle. Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. (2018, 10 de setembro). Metade dos adolescentes no mundo são vítimas de violência na escola. *Organização das Nações Unidas-ONU*. <https://brasil.un.org/pt-br/80958-unicef-metade-dos-adolescentes-no-mundo-s%C3%A3o-v%C3%ADtimas-de-viol%C3%A2ncia-na-escola>
- Gebara, C. F. P., Senra, L. X., & Lourenço, L.M. (2019). Intervenções para situações de violência: perspectivas teóricas e empíricas no âmbito da cognição social. In R. Helmuth, & R. Krüger (Org.), *Cognição social: teoria, pesquisa e aplicações* (1a ed., pp. 119-147). CRV.
- Habigzang, L. F.; Lampert, S. S.; De Antoni, C. & Kohler, S. H. (2011). A violência no contexto escolar e a inserção ecológica do psicólogo: um relato de experiência. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano – pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 359-384). Casa do Psicólogo.
- Herminio, A., & Adam, J. (2017). Protagonismo de violência escolar por meninas: percepções de professores e diretores nos cadernos de ocorrência. *Revista Prática Docente*, 2(2), 366-381.
- IPSOS. (2018, 28 de junho). Global Views on Cyberbullying. *IPSOS*. <https://www.ipsos.com/en-za/global-views-cyberbullying>
- Kohler, S. H., & Antoni, C. (2004). Violência intrafamiliar: uma visão ecológica. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. Casa do Psicólogo.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (Eds.). (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization. http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf?sequence=1

- Lourenço, L. M.; Senra, L. X. (2020). Suporte familiar, relações sociais e estratégias de enfrentamento da violência escolar: alguns indicadores para intervenção e prevenção. In J. C. Sarriera, K. B. Rocha, J. A. Inzunza, & R. Bianchi (Orgs.), *Bem-estar e saúde comunitária-teoria, metodologia e práticas transformadoras* (1a ed., pp. 247-260). Appris.
- Lourenço, L. M., Stroppa, T., & Senra, L. X. (2019). Violência: Instrumentos para identificação, rastreamento e avaliação. In M. N. Baptista (Org.), *Compêndio de Avaliação Psicológica*. (pp. 322-331). Vozes.
- Luciano, G., Marín, L., & Yuli, M. E. (2008). Violencia em la escuela: ¿un problema y un desafío para la educación? *Enseñanza e Investigación em Psicología*, 13(1), 27-39.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1).
- Moreira, P. D. M. (2018). Violência e funcionamento psicológico na adolescência: o papel moderador do suporte social. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona do Porto].
- Oliveira, D. R. de, & Senra, L. X. (2020). Desenvolvimento sociocognitivo, suporte familiar e social em adolescentes: reflexões para a compreensão da violência escolar. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 21-36.
- Roese, Adriana; Gerhardt, Tatiana Engel; Souza, Aline Corrêa de; Lopes, Marta Julia Marques. (2006). Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3).
- Senra, L. X. (2018). Bateria de Escalas de Violência Escolar-BEVESCO: estudo das qualidades psicométricas. [Apresentação de trabalho]. 5º Congresso Internacional em Saúde, Braga, Portugal.
- Senra, L. X., & Pereira, B. O. (2020). Entre os muros da escola: bullying, preconceito e discriminação. In: D. R. Oliveira, D. Breder, & K. L. Filpo (Orgs.), *Relações étnico-raciais e outros marcadores sociais da diferença: diálogos interdisciplinares* (pp. 151-172). Appris.
- Siqueira, M. M. M. (2008). Construção e validação da escala de percepção de suporte social. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 381-388. Doi: 10.1590/S1413-73722008000200021
- Wright, M. F., & Wachs, S. (2020). Adolescents' Cyber Victimization: The Influence of Technologies, Gender, and Gender Stereotype Traits. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(4), 1293. Doi: 10.3390/ijerph17041293
- Zambelli, R. M. de O. (2019). *Violência escolar: perspectivas de professores/as de Educação Física acerca das Escolas de Tempo Integral em Campinas-SP*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas].

Recebido em: 8/06/2020

Aprovado em: 18/03/2021